

AÇÕES FORMATIVAS NO PROJETO DE EXTENSÃO SERELEPE

Eugênio Tadeu¹

Lorrayne Ellen²

Resumo

Este texto é um relato reflexivo sobre as ações e conceitos presentes no projeto de Extensão “Serelepe: uma pitada de música infantil”. Ele é pautado na prática de oito anos de experiência na Rádio UFMG Educativa FM 104,5 e no curso de Graduação em Teatro da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – EBA/UFMG. Dentre os vários temas presentes nas práticas do Serelepe, abordaremos de modo geral os seguintes itens: o Serelepe, sua concepção e seus fazeres – programa de rádio, espetáculo, oficina e disciplina, a bolsa de extensão e tangenciaremos, de forma sucinta, uma reflexão no conceito de “ação formativa” presente nessas práticas.

Palavras-chave: Rádio e Infância; Produção Cultural para a Infância; Música e Educação Infantil; Ações de Formação Artística

A arte não está nem no artista, nem na obra, nem no espectador, mas na experiência, ou seja, no que acontece “entre” a obra e o espectador ou “entre” o espectador e a obra. Tudo acontece nesse “entre”.
(LARROSA, J. *Conversa com Jorge Larrosa*).

1 A EXPERIÊNCIA DO SERELEPE NA UFMG

¹ Doutor em Artes Cênicas pela USP. É professor Adjunto da Escola de Belas Artes da UFMG, integrante do Duo Rodapião e do Grupo Serelepe. É membro do Movimento da Canção Infantil Latino-americana e Caribenha e da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas - ABRACE. Rua Munhoz, 588 ap. 402 - Santa Rosa - 31255-610 - Belo Horizonte – MG, Brasil. Telefone: 31 - 34916083 - Celular - 31 99428360. E-mail - eugenio.tadeu@yahoo.com.br

² Atriz, bacharel em Teatro pela Escola de Belas Artes da UFMG e bolsista no projeto Serelepe: uma pitada de música infantil no ano de 2013. Rua José Alves de souza, 450, Santa Terezinha. 31360-120 - Belo Horizonte – MG, Brasil. Telefone - 31 92759238 / 31 33475026. E-mail - lorrayne.ellen@hotmail.com

*A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça*³.

Partindo desse princípio anunciado por Larrosa, o Projeto Serelepe propõe uma experiência de invenção na qual a voz, a música, o roteiro para o rádio e a relação entre as pessoas se tornam os meios para uma educação artística, em seu sentido pleno. Primeiramente, consideramos o fazer artístico como uma área tão relevante quanto qualquer outra no currículo e na formação de um indivíduo, sendo necessários, assim, estudos e práticas específicas dentro de sala de aula, ou seja, na formação do profissional e na formação de um público. Consequentemente um indivíduo que cresce experienciando a arte como algo relevante em sua formação, aprenderá ou caminhará para tal, a conhecer, a interpretar e a desfrutar uma obra de arte. Em nosso caso, a escuta musical e a curiosidade pelos sons, palavras e cantos.

Acreditando que o experienciar seja o meio mais direto para se chegar ao resultado desejado, o programa almeja a vivência dos licenciandos e bacharelados junto à disciplina Programa de Rádio Serelepe, o contato com o público no programa exibido nos finais de semana pela Rádio UFMG Educativa e por meio de oficinas, espetáculos e palestras promovidos pela equipe. Estes temas serão abordados mais adiante.

Essas ações, em nossas opiniões, agem como um auxiliar em grande escala dentro do ensino e do fazer artístico, proporcionando reflexões, debates, experiências, maior amplitude teórico/prática, variedade dentro das formas de se conhecer e aprender com a arte, enfim, a afirmar e confirmar as possibilidades de discussão e vivências nesse campo. Entende-se que no contato direto com esse trabalho, os futuros docentes e bacharéis em Teatro da UFMG poderão se engajar na experiência artística com a prática da criação, melhorando e ampliando as formas de se trabalhar com arte.

2 O PROGRAMA DE RÁDIO SERELEPE

³ BONDIA, 2002, p. 21

O rádio é um veículo presente na vida diária das pessoas adultas e, por tabela, na vida das crianças. Esses pequenos ouvintes escutam rádio a partir das escolhas musicais advindas desses adultos. Não se tem notícia de que as crianças escutam o rádio, sozinhas. Talvez haja a exceção, com a chegada da *Internet*, pois o acesso a ela é cada vez mais ostensivo e precoce em relação ao público infantil. Infere-se, então, que, de forma geral, as crianças ouvem as mesmas músicas que os adultos escutam, tornando a experiência musical daquele público quase que exclusivamente baseada nesse contexto.

O universo radiofônico, como podemos observar em sua programação cotidiana, é constituído, de forma geral, por uma música de consumo rápido e, não raras vezes, dirigida para a venda de produtos culturais pouco instigadores da inteligência da criança e para o desenvolvimento de sua sensibilidade e sua curiosidade. Essa programação tem sido formada pela mesmice e pela falta de cuidados no que diz respeito à qualidade poética das letras como dos arranjos musicais, salvo preciosas raridades difundidas nesse meio.

Nos atuais programas de rádio em Belo Horizonte, ainda não encontramos propostas dedicadas exclusivamente ao público infantil⁴. Há um vazio nesse aspecto e a criança fica sujeita aos mesmos programas eleitos pelos adultos.

Ao propormos um programa dedicado às crianças queremos contribuir com a discussão do que seria uma música para esse público. O que a caracteriza? Existe uma música para a infância? Quais são os aspectos que a tornam direcionadas a esse público? Que elementos, conceitos e temáticas estão presentes nessa manifestação artística que a distingue de uma outra música qualquer? Estas perguntas têm norteado a busca do Serelepe, sempre pautada nos princípios de estabelecer critérios artísticos para a escolha do repertório e da temática proposta em cada programa.

Dessa maneira, a UFMG, a Rádio UFMG Educativa, por intermédio do Serelepe tem sido uma das pioneiras em Belo Horizonte a oferecer uma programação continuada, ampla e criteriosa

⁴ Em termos de Brasil, não temos um levantamento preciso sobre programas de rádio em todos os estados. Sabemos de alguns programas em São Paulo (Palavra Cantada e Assobio/USP) e no Rio de Janeiro (Rádio Maluca/Zé Zuca). Em Minas Gerais, temos a Associação Clube Osquindô de Mariana e o Serelepe. Em Belo Horizonte havia o programa Carretel de Invenções, produzido pela AMEPPE- Associação Movimento Popular Paulo Engler e idealizado pelo artista e educador Chico dos Bonecos. Em relação à América Latina, há programas na Argentina, Colômbia, México, Peru, Venezuela e Uruguai.

às crianças, dando oportunidade a elas de terem acesso a uma vasta produção musical e cultural que dificilmente ela conheceria, pois essa produção não é veiculada ao público em geral.⁵

O projeto “Serelepe: uma pitada de música infantil” teve início como um programa de rádio dirigido, principalmente, às crianças, mas que preza a escuta do adulto, pois este é quem, muitas vezes, conduz as primeiras audições musicais na infância. Isso começa desde as cantigas de ninar nos colos afetivos da mãe, tia, avó, pai, etc.

A equipe é composta atualmente por Eugênio Tadeu (coordenador), Cláudio Zazá, Cristiane Lima e Reginaldo dos Santos e, a cada ano, tem a presença de um bolsista de extensão. Em 2006/7, Gabriel Murilo – co-partipante da proposta inicial; Cris Lima e Reginaldo Santos; em 2012, Nágila Analy, em 2013, Lorryne Ellen e em 2014, Lucas Emanuel.

Oriundo do curso de Graduação em Teatro da Escola de Belas Artes da UFMG, o projeto iniciou suas atividades em setembro de 2005, junto à Rádio UFMG Educativa, e nesta, o programa vai ao ar todos os fins de semana das 09h às 09h:30min, FM 104,5, na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Ele também pode ser ouvido pela *Internet*, de qualquer lugar do mundo⁶. Primeiramente, começamos com programas curtos, chamados de pílulas, de 7 a 9 minutos. Em seguida, os programas tiveram uma duração de 60 minutos e, atualmente, estamos com um programa de 30 min. Dentro de cada tempo do programa, várias possibilidades de roteiro são experimentadas, fazendo com que cada programa tenha uma identidade própria, de acordo com os seus criadores.

O programa Serelepe aborda o tema da música dirigida à criança, que partindo de uma programação diversificada, visa à ampliação da escuta desses pequenos sujeitos para possibilidades diferenciadas das que estão em foco nos meios de comunicação em massa. É de interesse do Serelepe a criação de um ambiente no qual seja valorizada a inventividade tanto dos artistas quanto dos ouvintes, na intenção de aguçar a sensibilidade auditiva e incentivar a criatividade musical, possibilitando uma escuta mais variada e dando asas à imaginação. Costumamos dizer: o que se ouve por aqui não se ouve por aí.

⁵ Este trecho inicial é parte do projeto encaminhado à Pró-Reitoria de Extensão da UFMG. Ele pode ser consultado na íntegra no endereço <https://sistemas.ufmg.br/siex/AuditarProjeto.do?id=16725>

⁶ Também pode ser ouvido pela Internet <www.ufmg.br/online/radio>

3 O SERELEPE NA GRADUAÇÃO EM TEATRO DA EBA/UFMG

A partir do programa de rádio, o coordenador do Serelepe apresentou uma disciplina para a comunidade acadêmica, propondo aos futuros licenciados e bacharéis a oportunidade de partilhar dessa busca pela ampliação do horizonte da musical infantil⁷, e conseqüentemente do núcleo acadêmico. Esse é o ponto no qual as ações formativas do Serelepe se iniciam com os alunos da graduação.

Por intermédio da disciplina optativa *Programa de rádio Serelepe*, ofertada uma vez por ano, desde 2007, no curso de Graduação em Teatro, os alunos adentram a pesquisa sobre o que seria a música e a produção cultural, de forma geral, para crianças; a prática vocal como experiência expressiva e a criação de roteiros como invenção dramaturgica para o rádio. Dentro desses temas, algumas perguntas são chaves para o desenrolar dos estudos. Qual assunto abordar numa rádio para criança? De que forma abordar esse assunto? O que uma criança entende do mundo em que vive? O que lhe é próprio ouvir? O que oferecer à sua escuta? Como criar um universo infantil dentro de um programa de rádio?

Os debates em sala de aula levam em consideração a visão que o Serelepe tem tido sobre o público infantil. De acordo com Pereira et al,

A infância é uma fase da vida em que não apenas se assimilam informações e conteúdos, mas em que se aprendem hábitos e valores que podem ser levados por toda a vida. [...] A formação que se tem na infância tem impactos diretos no futuro jovem/adulto. Sendo assim, uma programação musical voltada para o público infantil deve estar atenta a este caráter de formação mais amplo – e não deve se voltar exclusivamente para “ensinar conteúdos ou boas maneiras” às crianças, tais como contar até dez, tomar banho ou escovar os dentes. [...] Portanto, é de grande importância uma atitude sincera ao refletir acerca da *idéia de infância* que orienta as escolhas em um programa infantil, seja do ponto de vista dos diálogos nas locuções, seja nas seleções musicais. Essa honestidade é decorrente de um respeito às crianças e aos demais ouvintes que procuramos ter⁸.

Pensamos que a capacidade crítica deve ser formada desde o início, apresentando opções às crianças e aos estudantes. De acordo com Larrosa,

⁷ A palavra *infantil* tem inúmeras conotações. Para nós ela simplesmente é usada neste texto e em nossos contextos, como o período da vida humana que é compreendido entre 0 a 13 anos. Porém, temos a intenção de cutucar essa palavra questionando o que é uma música infantil. Como verão, não temos a resposta.

⁸ PEREIRA et al, 2010.

As pessoas sempre são capazes de sentir, pensar e falar por si mesmas. O único a fazer é torná-las conscientes dessa capacidade que já têm. Isso é possível apenas na relação entre indivíduos e nunca por uma instituição. E isso só pode ser feito por indivíduos, nunca por instituições. Por indivíduos que sentem, falam e pensam por si mesmos, isto é, por indivíduos emancipados. Só um indivíduo emancipado pode emancipar outro. E as instituições políticas não são os lugares mais propícios para acolher indivíduos emancipados.⁹

Dessa forma, mesmo estando em uma instituição, acreditamos que o trabalho na sala de aula acontece nas relações entre as pessoas, ou seja, na experiência entre esses sujeitos.

Conforme os preceitos do Serelepe, os temas abordados nos programas são livres, mas deve-se atentar à forma como são elaborados para o público infantil. Sendo assim, os alunos passam pelo processo de criação dos diálogos, nos quais, desde o vocabulário até a entonação vocal, são construídas as falas de condução do tema proposto. Com o auxílio de improvisações, proposições de personagens vocais e ambientação sonora, a atmosfera temática é instaurada, e a partir de então as escolhas das músicas entram no processo de criação do programa. Muitas vezes as escolhas musicais precedem a elaboração dos diálogos, conduzindo-os.

Dentro desse pensamento, a equipe do Serelepe, juntamente com os alunos da disciplina, opta por buscar artistas e grupos que possuam, para os parâmetros desse grupo, uma boa qualidade musical. Para isto observamos a letra, a interpretação, os arranjos, ou seja, o cuidado com o todo da música. A busca por referências também estrangeiras faz parte das pesquisas que os alunos produzem, buscando ampliar o leque de ofertas musicais aos ouvintes do programa. Cabe aqui alegar que, de forma alguma, é impossibilitada a apresentação de programas com artistas e músicas de circulação em massa, mas que, para tal, seja proposta uma forma diferente de se apreciar a composição – seja observando a desenvoltura de um instrumento dentro da música, ou mesmo algum outro detalhe que permita ao ouvinte apreciar, de um novo ângulo, tal produção já muito conhecida. Ao completarem a proposta do programa, este é debatido em comunhão com os demais alunos da disciplina e, então, gravado para a apresentação na rádio.

O Serelepe, por intermédio de suas atividades, entra em contato com o mundo acadêmico de diversas formas. A ampliação de horizontes não acontece apenas para o público que ouvirá o programa Serelepe, mas para todos aqueles participantes do processo de criação. E indo além, as

⁹ BONDÍA, 2010.

ações proporcionam uma vivência totalmente diferenciada aos alunos do curso de graduação em Teatro – e de outras áreas também, pois há vagas na disciplina para outras graduações – quando os coloca frente a frente à realidade radiofônica. Como criar um cenário que se torne visível por meio do som? Como tracejar personagens apenas com a voz? Como criar uma dramaturgia de conteúdo instigador, totalmente apoiada no estímulo sonoro? Estes são desafios que instigam o aluno, tanto do bacharelado quanto da licenciatura, a lidar com o novo, o inesperado, a criatividade, e do todo, construir o conhecimento, a se informar e acima de tudo, vivenciar a arte. Esses processos em muito contribuem na formação extraclasse que um futuro professor ou bacharel em Teatro terá em sua vida artística. Consequentemente, o vindouro contato desses aspirantes a professores com o público externo poderá permear por vertentes inovadoras e com propostas cada vez mais arraigadas às inúmeras possibilidades artísticas existentes.

4 A ATIVIDADE DO BOLSISTA

Juntamente com as pesquisas desenvolvidas em sala de aula há também o trabalho de extensão criado pelo Serelepe. Dentro dessa proposta, o bolsista é peça chave nessa empreitada, pois ele é designado a auxiliar na busca por referências musicais nacionais e estrangeiras que possam contribuir na criação dos programas feitos em sala de aula. Além dessa pesquisa, o bolsista participa da manutenção do *Blog* e do perfil no *Facebook* do projeto Serelepe, que são portas de comunicação entre o público interno e externo à universidade. Ao bolsista também é imperativa a ideia de criação de propostas que permitam ao Serelepe o contato direto com o público não acadêmico, ampliando ainda mais essa comunicação.

O rádio é o primeiro contato direto que o Serelepe tem com a comunidade em geral, e a partir do trabalho de criação feito em sala de aula e pela equipe do programa, a rádio UFMG Educativa pode proporcionar, através do Serelepe, uma programação, que busca ser criativa, em nossa concepção, produzida especificamente para o público infantil. E com esse primeiro contato, toda a equipe de produção visa dar à criança, quiçá a seus preceptores, maior possibilidade de escolha na formação de seu gosto musical. O bolsista é peça chave nessa intermediação, pois ele, além de aprimorar sua formação, cria laços na rede social e é um dos corresponsáveis pelas conexões entre as várias instâncias de ação do projeto.

5 OS ESPETÁCULOS E AS OFICINAS DO SERELEPE

Como parte da proposta de ação formativa, a equipe do Serelepe criou o grupo de intervenção musical “Locotoco”. Esse grupo, composto por três integrantes (Cris Lima, Reginaldo Santos e Eugênio Tadeu), dispõe de um repertório de músicas e brincadeiras tradicionais brasileiras e da América Latina, e assim se apresenta em diversos festivais e eventos artísticos nacionais e internacionais, contribuindo na difusão e preservação da cultura tradicional popular. Além das apresentações ao vivo o grupo está no processo de gravação de um CD com o repertório do espetáculo que será lançado no segundo semestre deste ano.

O Serelepe também ministra oficinas musicais e de brincadeiras, objetivando ampliar o contato cultural artístico infantil junto à comunidade e tentando contribuir na formação crítica do público. Para tanto, o grupo participa de eventos de diversas naturezas no Brasil e no exterior nos quais, além da intervenção musical, também se junta a jovens e adultos para compartilhar diferentes manifestações musicais.

Na busca de maior participação e inteiração nos movimentos sobre músicas infantis, o grupo atualmente integra o Movimento Brasileiro da Canção Infantil e o Movimento da Canção Infantil Latino-americana e Caribenha. Neste Movimento, participam, frequentemente, grupos e artistas da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, México, Uruguai e Venezuela.

6 AÇÃO FORMATIVA: EXPERIÊNCIA E JOGO

Ao nos depararmos com a noção de experiência, ou mais especificamente o conhecimento construído a partir de nossas práticas, a reflexão a respeito do conceito das ações do Serelepe se fez inevitável. Por ser um programa do qual participa a área docente do curso de graduação em Teatro da EBA/UFGM, é cabível refletir se as ações propostas pelo Serelepe auxiliam na prática docente dos alunos em formação e, até mesmo, de outros professores que lidam com a formação em qualquer nível de ensino.

A pesquisadora Andréa Longarezi (2008), ao refletir sobre o tema ações e atividades formativas, focalizou sua pesquisa no âmbito da docência, propondo uma diferenciação entre

Ação Formativa e Atividade Formativa. Em suma, para ela, as ações formativas ou ações de formação continuada são aplicadas de forma avulsa, nem sempre se relacionando à realidade vivenciada pelos professores em sala de aula, e se tornando, assim, ações inexpressivas junto à necessidade comum dos professores. Dentre essas ações, a autora afirma que as palestras, debates e mesas redondas ministradas por representantes de universidades ou do governo, são as mais aplicadas aos professores, na intenção de aumentar o contato destes com o conhecimento em geral.

Longarezi expõe que os professores afirmam gostarem mais das atividades em que podem participar ativamente, seja em discussões relacionadas ao ensino ou mesmo no compartilhar das experiências de outros dentro do ramo. Ela afirma que,

a atividade se constitui a partir de um conjunto de ações articuladas por uma necessidade comum. Se as ações forem consideradas isoladamente configurar-se-iam em “meras” ações, o que, na perspectiva da Teoria da Atividade, não desencadearia desenvolvimento¹⁰.

A diferenciação entre atividade e ação também é refletida por Órris Soares (1952), em seu Dicionário de Filosofia. Para esse autor, a ação sugere uma ideia de fim e se caracteriza por “uma forma qualquer de esforço”. Já a atividade prescinde de um fim, pois, segundo Soares, ela “representa um estado”¹¹.

No dicionário Houaiss, no verbete sobre *ação*, em um de seus inumeráveis significados, encontramos “disposição para agir; atividade, energia, movimento”¹² e a palavra *atividade*, no mesmo dicionário, está descrita como “faculdade ou possibilidade de agir, de se mover, de fazer, empreender coisas”¹³.

Tendo em vista essa diferenciação conceitual entre Atividade Formativa e Ação Formativa proposta por Longarezi e Órris, e contrapondo com o significado lexical, cabe-nos questionar ao Serelepe: Em qual deles o programa se encontra? Seria uma ação avulsa não destinada aos futuros docentes e suas necessidades em sala, impossibilitando debates que visam à melhoria do trabalho em sala de aula? Ou seria, sim, uma proposta que se encaixa ao universo

¹⁰ LONGAREZI, 2008, p 4.

¹¹ SOARES, 1952, p. 10-11.

¹² HOUAISS, p. 24.

¹³ HOUAISS, p.215.

acadêmico, possibilitando vastas opções de diálogos entre alunos e professores, ou mesmo atividades que contribuam nessa relação? Seriam, as apresentações dos espetáculos, ações ou atividades? E as oficinas?

Não nos interessa distinguir as diferenças conceituais entre ação e atividade. Partimos do princípio de que ambas têm, em seu significado semântico, o termo agir. Ação tem origem no Latin *actione* e atividade, também de origem latina, vem de *activitate*. Está na raiz dessas palavras o ato, o acontecimento. É partir desse preceito que atuamos. São nossos atos que se desencadeiam em ações ou atividades. Queremos provocar experiências.

Nesse sentido, tomamos com um dos cerne da proposta o jogo. Para nós, essa capacidade de o ser humano estabelecer uma relação lúdica com qualquer elemento, nos alimenta em nossas invenções. Eles são atos, são experiências. Imbuídos deste espírito, criamos possibilidades de vozes, diálogos, sonoridades e roteiros, tanto no âmbito dos programas de rádio, como nos espetáculos e oficinas que apresentamos. O jogo, assim como o entendem John Huizinga, Roger Caillois, Gilles Brougère e Jean-Pierre Ryngaert, é um de nossos pilares para dizermos algo às crianças, aos ouvintes do programa e ao público em geral. De acordo com esses autores, o jogo é uma atividade delimitada no tempo e no espaço; é volitiva e regida por regras; é incerta e é, principalmente, um acontecimento ficcional. No que se propõe no Serelepe, em todas as suas dimensões, ainda acrescentamos que no jogo há uma ação relacional. Há vínculos que se criam no instante do jogo, mesmo ele acontecendo de forma efêmera.

O Serelepe sempre apostou nessa ideia de jogo com o outro, desde a proposta de criação dos roteiros exibidos na programação da rádio, até nas oficinas e apresentações feitas pelo grupo de intervenção musical. Vários jogos trazem consigo uma necessidade de coletividade, um estado corporal e mental fértil para a espontaneidade e criação. A energia liberada no ato de jogar é capaz de vencer medos e bloqueios e, em consequência, treinar a habilidade do jogador de se colocar no aqui e agora e de se inter-relacionar com o mundo a sua volta. Ora, não seria essa a atmosfera de um espaço onde educador e educando se encontram? Não estaria aí a possibilidade de vencer barreiras, trabalhar a espontaneidade, trabalhar em equipe e aprender a lidar com o outro? Sendo assim, a percepção desse mundo se amplia e, desta maneira, o caminho estará aberto para a intuição, a autoconfiança, a percepção e a criatividade.

Considerando as ações do Serelepe, aos docentes que se envolvem em nossas propostas de oficinas, apresentações e até mesmo nas reflexões trazidas pelos programas de rádio, é possível considerar que, este tipo de experiência, se vivida pelos docentes, poderia auxiliar na relação educador/aluno. Retomando o termo usado por Longarezi (atividade formativa) enquanto meio útil em auxílio aos educadores em sala de aula, acreditamos que, essas práticas poderão, sim, serem desenvolvidas em sala de aula, tornando-se dessa forma, úteis e diretamente aplicáveis à realidade vivida por aqueles que estão envolvidos nesse acontecimento.

A experiência do Serelepe nestes oito anos de atuação cultural, nos faz refletir sobre a importância do ato relacional. O contato com o outro nos expõe e nos faz aprender. Temos uma proposta em construção que está, a cada dia, mais atenta à responsabilidade que assumimos no processo formativo. O público ao qual nós nos dirigimos é sensível, exigente e inteligente e não podemos subestimá-lo em sua capacidade crítica de refletir e de fazer escolhas. Todos nós estamos em formação. Sabemos que, para fazer escolhas, é preciso ter conhecimento das opções e da variedade de acontecimentos. O Serelepe é uma das inúmeras propostas presentes nesse universo da produção cultural para a infância. Quem sabe não encontramos, por aí, algum ouvinte sedento por conhecer outras formas de fazer arte sonora? Talvez, assim, possamos proporcionar alguma experiência na vida dessas pessoas.

FORMATIVE ACTIONS IN THE EXTENSION PROJECT SERELEPE

Abstract

This text is a reflexive description of the acts and concepts that take part of the extension project “Serelepe: a bit of child’s music”. The project is guided by the practice of eight years of experience at Radio UFMG Educativa FM 104,5, and also by the Acting major course at EBA/UFMG (Escola de Belas Artes da Universidade federal de Minas Gerais). Amongst all the themes which consist the Serelepe practice, it will be altogether approached the following items: Serelepe, its conceptions and also its dos and don’ts – the radio program, spectacle, workshop and subject - , and the extension fellowship. Moreover, it will be briefly highlighted a reflection on the concept of “formative action” which is present on this practice.

keywords: Radio and Childhood; Cultural Production to Children; Artistic-formative Actions

ACCIONES FORMATIVAS DEL PROYECTO DE EXTENSIÓN SERELEPE

Resumen

Este texto es un relato reflexivo de las acciones y conceptos presentes en el proyecto de extensión "Serelepe: una pizca de música infantil". Se basa en la práctica de los ocho años de experiencia en la Radio UFMG Educativa, FM 104.5 y en el curso de Licenciatura en Teatro de la Escuela de Bellas Artes de la Universidad Federal de Minas Gerais - EBA / UFMG. Entre los muchos temas presentes en las prácticas de Serelepe, intentaremos abordar de modo general los siguientes elementos: concepción y realización— programa de radio, espectáculos, talleres, asignatura y becas de extensión. En pocas palabras, haremos una reflexión del concepto de "acción formativa" presente en dichas prácticas.

Palabras clave: Radio y Niñez; Producción Cultural para los Niños; Acciones de Formación Artística

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Conversa com Jorge Larrosa*. 2010. Disponível em: <http://www.bienal.org.br/FBSP/pt/Noticias/Paginas/Conversa-com-Jorge-Larrosa.aspx>. Acesso em: 08 de fev. 2014.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Editora Autores Associados: São Paulo, n.19. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf. Acesso em: 10 de jun. 2010.

BROUGÈRE, Gilles. *Jogo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia. 1990.

TADEU, E.; ELLEN, L.

DAVINI, Sílvia Adriana. *Cartografías de la voz en el teatro contemporáneo: el caso de Buenos Aires a fines Del siglo XX*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007.

HUIZINGA, John. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

LONGAREZI, Andréa Maturano. Ações e Atividades Formativas: Um estudo sobre processos de formação continuada de professores. In: *REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31*. 2008, Caxambu. Anais... Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/2poster/posteres08.htm>. Acesso em: 25 de maio. 2013.

MCLEISCH, Robert. *Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.

NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser Criativ: o poder da improvisação na vida e na arte*. São Paulo: Summus, 1993.

PEREIRA, E. Tadeu. et al, Música e infância no rádio: o programa Serelepe. *Revista da Escola de Música da UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, n.22, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-75992010000200012&script=sci_arttext. Acesso em: 02 de fev. 2014.

PEREIRA, Eugênio Tadeu. *Práticas lúdicas na formação vocal em teatro*. Orientadora: Maria Lúcia Pupo. 2012. 235p. Tese (Doutorado em Artes) – USP, São Paulo.

_____. *Serelepe: uma pitada de música infantil*. UFMG, EBA/PROEX/ SIEX 2014. Disponível em: <https://sistemas.ufmg.br/siex/AuditarProjeto.do?id=22002>. Acesso em: 02 de fev. 2014.

_____. “Brincar e Criança”. In: CARVALHO, A. et al. (Org.). *Brincar (es)*. Belo Horizonte: PROEX-UFMG/Editora UFMG, 2005.

PÉREZ-GONZALES, Eládio. *Iniciação à Técnica Vocal: para cantores, regentes de coros, atores, professores, locutores e oradores*. Rio de Janeiro: E. Pérez-Gonzales, 2000.

REIS, Nágila Analy F. Serelepe: uma pitada de música infantil. In: *XXII CONFAEB Arte/Educação: corpos em trânsito*. Anais. São Paulo: Federação Nacional de Arte Educadores, 2012. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:fzOjQKEYqYEJ:faeb.com.br/livro03/Arquivos/comunicacoes/174.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 02 de fev. 2014.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar: práticas dramáticas e formação*. São Paulo: Cosacnaify, 2009.

SCHAFER, Murray. *Ouvido Pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.

ÓRRIS, Soares. *Dicionário de Filosofia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/ Instituto Nacional do Livro, 1952.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Cosacnaify, 2007.

Contatos com o Serelepe-EBA/UFMG:

www.programaserelepe.blogspot.com

<https://pt-br.facebook.com/serelepeufmg>

serelepe@eba.ufmg.br

Data de recebimento: 01/03/2014

Data de aceite: 10/03/2014